

O exemplar de 200 réis tem 5 grammas de peso, e o de 100 réis 2,48 grammas. O toque d'esta prata é de 835 por 1:000, igual ao da moeda franceza do mesmo metal, para que, recolhidas que fossem as moedas de 200 réis, agora correntes, e grande parte das de 500 réis, cujos titulos são $916\frac{2}{3}$ por 1:000, o Thesouro arrecadasse lucros compensadores das despesas inherentes á nova amoedação.

Foi demonstrada a conveniencia d'esta medida financeira no proprio relatorio que antecede o projecto de lei.

Os dois ensaios monetarios foram gravados artisticamente; são elegantes e quasi identicos nos typos ás antigas moedas de 200 réis e de 100 réis, cunhadas desde o reinado de D. Maria II.

A novidade, que os distingue, é a coroa real que protege os algarismos valorizadores. Vê-se que o reverso nestas moedas ficou mais apparatuso que nas precedentes.

Não foram abertos ferros para a moeda de nickel projectada, a qual o gravador Ernesto Condeixa desenhou, e o jornal *O Seculo*, de 4 de Maio de 1902, reproduziu pela zincogravura.

Lamentamos que o projecto de lei fosse archivado na classe onde existem, como inuteis, innumeros trabalhos notaveis, que os caprichos da sorte, da inopportunidade, ou da politica, impelliriam para o esquecimento.

Lisboa, Outubro de 1903.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

Archeologia do districto de Bragança

I

A Penha Mourisca em Bousende

Tem o nome ao consoante da sua configuração e natureza e dos seus vestigios de antiguidades, se formos com o povo, que as attribue aos Mouros. Observada de muitissimos, conhecida é de poucos, pois até os de Bousende ignoravam algumas das suas particularidades, senão todas. Eu fui lá em 22 de Outubro, levado pela indicação que vem n-*O Arch. Port.*, vol. III, pag. 222, e subi ao pico mais alto que bem se destaca d'esse enorme massiço de rochas graniticas que formam a *Penha Mourisca*, que sae da vertente occidental da serra de Nogueira, pouco abaixo da sua linha de cumiada e a uma altitude de mais de mil metros, o que faz com que seja um dos pontos mais elevados da mon-

tanha. Difficil e penosa é esta ascensão, e, por perigosa, a julgam temeraria aquelles que estão habituados a fazê-la e a tomarem em pequena conta os precipicios naturaes que de familiarizados desprezam.

Um pouco a sudoeste da Penha fica este ponto, e «castello» o denominam só por ser mais dominante, pois tudo alli é natural, e nada artificial ha, a não serem umas pedras que foram dispostas para permittirem a subida até certa altura. Elle foi miradoiro d'esse castro ou fortaleza que os rochedos limitavam em parte; nalguns sitios ainda se distinguem indicios de fosso e restos de muro de pedra solta, a que a tradição chama a «Villa do Jogadouro»:

Á porta do castello da villa do Jogadouro
Está um poço de corda coberto de ouro.

Esta porta fica voltada para nordeste, e para o interior do recinto, e não é mais do que uma abertura formada pelo afastamento e sobreposição de fragas que lhe dão essa configuração. Entrei por ella, e, com

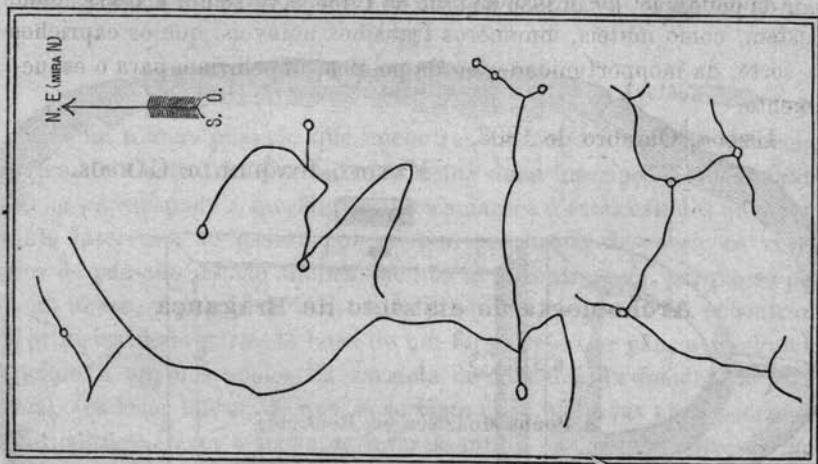


Fig. 1.^a

o auxilio de tres companheiros, e apoiando-me nas saliencias das rochas, fui trepando pelo interior d'aquelle estreitissimo buraco onde era preciso ageitar o corpo para passar até chegar ao cimo, cujo recinto é tão limitado, que nos obrigava á maior cautella e vigilancia, para não cairmos no abysmo.

Em breve a minha attenção se prendeu numa insculptura gravada na face superior de uma rocha, e na «pedra do embaladouro» que está

ao pé, que, diziam, «tocava» quando a empurravam ou mesmo «só por si», ouvindo-se então o som na povoação de Bousende a cem metros ao sul, e ainda a maior distancia, porque no balouço batia nos penedos que estavam em contacto uns com os outros.

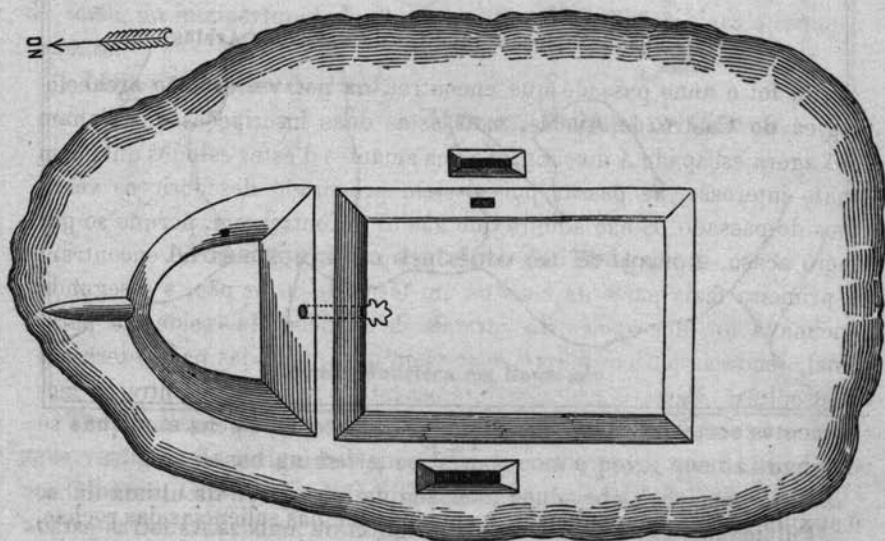
Tirou-se a copia, que julgo exacta e que o desenho junto representa em redução de $\frac{1}{10}$, o melhor que se pôde, vincando-se o papel com o lapis por cima dos riscos depois de tirado o musgo, pois o frio e a ventania, que ha ali quasi sempre, e de vez em quando o nevoeiro, dificultavam tanto a tiragem, que só muito boa vontade podia resistir (fig. 1.^a).

II

Valle-Telhas

Esta localidade é bem conhecida de todos os que gostam de ver e apreciar vestigios do passado.

Ahi existem dois marcos miliarios, de que já falla Argote. Nas paredes de algumas casas ha pedras com restos de esculturas. Logo ao sair da povoação, a caminho do sitio do Cabeço, vê-se um «lagar» aberto

Fig. 2.^a

numa fraga, como se mostra na fig. 2.^a; é o mais perfeito que conheço. Por todos aquelles sitios apparecem antigualhas, como telhas de rebordo, tijolos, mós manuaes, fragmentos de louça, pesos de barro, restos de construcções.

Tambem ha outras fragas com cavidades que parecem pias de bebedouro; a maior d'essas cavidades é chamada pelo povo *talha*, por ser concava, e tão espaçosa que cabe lá dentro um homem¹.

No Cabeço ha uma estação do typo da de S. Bras, na Torre de D. Chama; parece-se porém com ella, mais pela configuração do ter-



Fig. 3.^a

reno adjacente do que pela sua estrutura².—Ambas estas estações eram ribeirinhas,—aquella na margem esquerda do Rabaçal, esta na do Tuella. Succederam-se alli civilizações diversas, a avaliar pela variedade dos objectos encontrados, alguns já recolhidos no Museu de Bragança: especializarei uma foicinha de ferro, muito oxidada, que me impressionou vivamente. Vae representada na fig. 3.^a, na escala de $\frac{1}{2}$.

III

Mais duas inscripções ineditas do Castro de Avelãs

Já foi o anno passado que encontrei, na notavel estação archeologica do Castro de Avelãs, mais estas duas inscripções que tinham até agora escapado á investigação dos amantes d'estes estudos que, com tanto interesse, ao passar por ali tem procurado descobrir os vestigios do passado. E não admira que não as encontrassem, porque só por mero acaso, e depois de insistentes pesquisas, é que as fui encontrar: a primeira fazia parte da boca de um forno de cozer pão, e a segunda encimava um dos apoios da varanda de madeira da residencia parochial, tendo as letras, de que só se viam duas, voltadas para o terreno. A escultura d'esta é bastante interessante e não vulgar entre os monumentos congeneres que por aqui tem apparecido, e pena é que não se distinga já bem o figurado em relevo que tem na base.

Na primeira nota-se a singularidade da letra \mathcal{S} (S) da ultima linha.

Publico nas figs. 4.^a e 5.^a photographias de ambas. As letras estão bem legiveis. O corpo das da primeira regula por 0^m,035; a lapide tem

¹ Informam-me que no termo de Frazidella ha outra, ainda mais vasta, e que lá dentro appareceu uma «pombinha» de estanho.

² Estive lá em Outubro p. p., em companhia do Rev.^{do} Domingos Lopes da Silva, meu particular amigo.

0^m,45 de altura e 0^m,25 de largura. A segunda tem 0^m,7 de altura e 0^m,3 de largura e o corpo das suas letras mede 0^m,05. Já estão no Museu de Bragança, tendo-me sido offerecidas pelos seus possuidores que mostraram grande jubilo em poderem assim concorrer para o en-



Fig. 4.ª

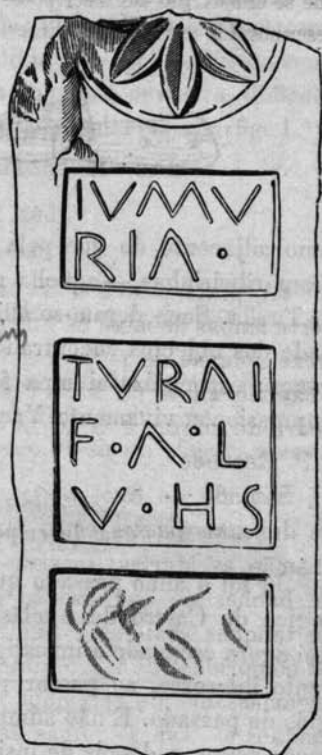


Fig. 5.ª

grandecimento do seu Museu Municipal, revelando nobreza de sentimentos, pois ainda fizeram despesa para as tirar das paredes em que estavam servindo.

Bragança, Agosto 1903.

ALBINO PEREIRA LOPO.

Nota ao artigo precedente

A 1.ª d'estas inscripções não offerece difficuldade: *D(iis) M(anibus). Aratorum L. S(it) t(ibi) t(erra) l(evis)*. O nome *Arator* apparece tambem numa inscripção de Cadiz: *Corp. Inscr. Lat.*, II, 1770.

2.ª inscripção. As ll. 1 e 2 porfia o Sr. Lopo, em carta que me escreveu, que dizem *IVMVRIA*; poderão pois interpretar-se por *Iu(lia)* vel *Iu(nia) Mu-*